

“A praga que veio do Pará”: Tensões, conflitos e crescimento do pentecostalismo em Belém. (1911-1925)

Rafael da Gama. ¹

Introdução:

Dentre os evangélicos, vale destacar uma denominação desse movimento com uma especificidade própria, a Assembleia de Deus. Advinda do movimento pentecostal. Esta é uma igreja que surgiu em Belém e se propagou pelo país, sendo hoje, a maior denominação evangélica do Brasil com mais de 12 milhões de congregantes². Em Belém, seu destaque não é diferente do resto do país. A cada esquina, principalmente nas periferias, podemos encontrar uma congregação da Assembleia de Deus, ou uma igreja do movimento pentecostal e neo pentecostal, sendo que, dentre estas, a Assembleia se tornou a denominação mais expressiva desse movimento no país. Não por acaso, Belém foi a cidade escolhida para o festejo do centenário da Assembleia de Deus no Brasil. “Reunindo milhares de pessoas, tanto paraenses quanto fieis em todas as partes do mundo”.³

A Assembleia de Deus foi um movimento oriundo do protestantismo histórico, mas diferenciado, devido ao seu estímulo a experiências místicas com o Espírito Santo, como o dom de cura, visões e o falar em línguas estranhas, conseguindo um melhor diálogo com a religiosidade paraense oriunda de um catolicismo místico e sincrético. Conseguiu um crescimento rápido de fieis, em três décadas conseguiu mais adeptos que o protestantismo nos seus mais de 150 anos na nação. Mas, gerou constantes conflitos com os grupos religiosos que ali já predominavam. A intensão deste artigo é, através das fontes documentais e dos

¹ Doutorando em História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Orientador: Fernando Torres Londoño. Bolsista CAPES-PUC.

² <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/ibge-populacao-catolica-encolhe-no-brasil>

³ <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/06/igreja-assembleia-de-deus-completa-100-anos-de-existencia.html>

trabalhos acadêmicos já realizados sobre esse período, perceber a origem e crescimento do movimento pentecostal em Belém, sua relação com vertentes religiosas já consolidadas na cidade, especialmente com os próprios protestantes. Analisaremos o protestantismo na cidade para entendermos um pouco da conjuntura religiosa em que surgiu o pentecostalismo em Belém, mas daremos maior ênfase a análise do movimento pentecostal, perceber a partir das protestantes, como esta fé e originou, cresceu e se expandiu no estado e no restante do país.

“As seitas biblistas”: O Protestantismo em Belém.

No final do século XIX e início do XX percebemos mudanças e transformações significativas acontecendo na cidade de Belém. Esta se moderniza, ganha status de metrópole, muitas obras são feitas em sua infra-estrutura, como grandes praças, teatros, ruas, prédios, bondes circulando pela cidade, luzeiros espalhados pelas ruas, clareando o breu da noite, um aumento do comércio e da economia. A maior parte dessa modernização da cidade se deve aos altos lucros obtidos com a economia da borracha, onde o estado do Pará era o principal exportador do produto. Durante esse período, a cidade dobrou o número de habitantes, muitos vindos do interior do estado, de outros estados como o Ceará, migrantes a procura de trabalho, a ter uma vida melhor em uma cidade em crescimento econômico. (Sarges, 2000).

Nesse período, também notamos uma religiosidade diferente de décadas anteriores, um catolicismo que estava deixando de ser religião oficial do estado em 1890, e um protestantismo que se aproveitava da sua liberdade oficial de culto para se consolidar na cidade. Agora, missionários protestantes batistas, metodistas, presbiterianos, muitos enviados por agências missionárias norte americanas, vendiam bíblias nos portos, formavam congregações fixas de denominações, faziam cultos regulares semanalmente, tinham um determinado número de fiéis que frequentavam e seguiam a fé protestante com um número crescente

de membros. Pregavam sobre sua fé nos seus templos, nas ruas, distribuía folhetos e jornais protestantes.

Apesar dos protestantes já estarem na cidade desde o início do século XIX. Em Belém, percebemos um catolicismo expressivo na cidade, historiadores como David Vieira Gueiros, notam no Pará, assim como no Brasil, um catolicismo que “era uma espécie de sincretismo entre um catolicismo puramente simbólico do camponês português e os conceitos religiosos dos índios e dos africanos” (Gueiros, 1980, p170). Sincretismo o qual assustava muitos sacerdotes católicos da Europa que vinham ao Pará no século XIX.⁴

Uma crença muito forte do catolicismo popular paraense, se percebia na adoração dos santos através das imagens.⁵ O “santo particular” do paraense poderia ser bem tratado se tudo ocorre-se bem em sua vida e de seus familiares, se suas preces forem atendidas regularmente, mas a imagem poderia sofrer punições caso o propósito do fiel não seja atendido, como enterrar a cabeça da imagem na areia ou pendura-la em uma árvore.

Nessa prática do paraense de adoração aos santos através das imagens, se notava em grande destaque a sua devoção a Nossa Senhora de Nazaré. Um tipo de “adoração” que foi além do conceito teológico do catolicismo de render mais que uma homenagem (*dulia*) e chegou a ser um fenômeno como a “latria” (adorar como se adora a Deus), bispos como Dom Macedo Costa, ao perceber que os paraenses adoravam a imagem como se esta fosse a própria Virgem Maria, procurou fazer declarações contrárias a prática religiosa, causando grandes indignações populares e entre alguns membros do clero católico. (Gueiros, 1980, 171)

Em Belém, assim como nos outros estados do Brasil, os missionários protestantes viam a América Latina como um campo

⁴ David Vieira Gueiros, em sua Obra, O protestantismo, A maçonaria e a questão religiosa no Brasil. Ao falar sobre a vinda de ordens religiosas católicas de seminários franceses a Belém, este fala das constantes reclamações dos sacerdotes as práticas dos católicos paraenses, “simpatias”, “mandingas”, além de outros problemas como corrupção do clero e idolatria, como discutiremos mais a frente.

missionário que precisava ser convertido a “verdadeira fé cristã”. Para eles, a América Latina precisava ser evangelizada pois tinha a igreja católica como instituição religiosa principal e esta “era uma religião que se apostatou, se perdeu em folclores e sincretismos locais” (Mendonça, 1995, p92).

Os protestantes que comandavam essas igrejas, em sua maioria, possuíam uma consolidada ortodoxia, um bom embasamento teológico. Tinham a bíblia como regra de fé e prática e acreditavam que qualquer um poderia ter acesso a ela, defendiam um sacerdócio universal, em que a comunhão dos homens com Deus era intermediada pelo próprio Jesus Cristo, sem necessitar de um santo, Para ou padre para intermediar. ⁶ Há diversos embates desses missionários com as lideranças católicas da cidade em que estes refutavam determinados dogmas do catolicismo como a devoção aos santos ou a devoção mariana. O pastor Metodista Justus Nelson, chamava sarcasticamente, a estátua de Nossa Senhora de Nazaré de “Bonequicha do Gram Pará” e responsabilizava “ao governador do estado toda a idolatria que o povo vae tributar a aquela calunguicha”⁷. O pastor Eurico Nelson, nomeava manifestações religiosas como o Círio de Nazaré de “idolatria romanista” (Pereira, 1945)⁸.

Também se articulavam politicamente, sempre ao lado de liberais e republicanos, principalmente pelas similaridades da defesa de ideias, como o regime político republicano, que favoreceria a liberdade de culto religioso como interesse dos protestantes. Eram constantes as matérias do Jornal “O apologista Chistão” coordenado por Justus Nelson, e haver defesa em pró do Estado laico, como nas matérias “separação entre

⁶ Tanto Weber teorizando o protestantismo em geral, como autores que trabalham o protestantismo no Brasil, como Emilie Leonard e Antônio Gouveia de Mendonça, percebem essas características do protestantismo brasileiro nesse período, David Vieira Gueiros, que fez uma breve análise do protestantismo no Pará no século XIX, também percebe as mesmas características.

⁷ O apologista Chistão, 21\06\1890

⁸, José dos Reis Pereira, fazendo uma biografia do Eurico Nelson, publicada em 1945. Relata quando este chegou a Belém no final do século XIX.

igreja estado”,⁹ “O partido republicano”¹⁰ , e outras reivindicações.

A imprensa constantemente era um palco de embate, em que lideranças católicas e protestantes as ocupavam em diversos debates apologéticas, tanto em periódicos de suas religiões, como na grande imprensa.

Apesar disso, não percebemos no Pará um expressivo número de fiéis se comparado a regiões de São Paulo e Rio de Janeiro, nas igrejas Batista, Metodista, e Presbiteriana, o número de fiéis variava de algumas dezenas para uma ou duas centenas. Enquanto em outros estados a fé protestante multiplicava em seus milhares, alcançava interiores, criava centrais de imprensa e fortes instituições de ensino.¹¹ no Pará, apesar da forte articulação política e reconhecimento na cidade, não tinha grande aderência em número de fiéis, vários jornais protestantes de circulação nacional faziam apelos para obreiros irem a região e perguntavam “o que está acontecendo com o Pará?”¹²

Na igreja católica no Pará, a ordem que mais percebemos ter um controle dos principais ritos e meios de comunicação era a ordem barnabita, que coordenava eventos significativos para a religiosidade católica da cidade, como o Círio de Nazaré. Também, passou a administrar na década de 20 a basílica de Nazaré, maior catedral da cidade. E coordenava o maior veículo de imprensa católica do estado, o jornal “A palavra”. Este periódico católico, muito rico em informações, circulou em Belém entre 1916 e 1945. Na maioria das edições recolhidas do jornal que ocupavam a primeira página, os temas recorrentes eram

⁹“ Idem 01\02\1890

¹⁰ O Ibdem Chistão 25\01\1890

¹¹ Micheline Reinaux de Vasconcelos no seu trabalho “As Boas novas pela palavra impressa: Impresses e imprensa protestante no Brasil (1837-1930)” esta concentra a sua análise nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Apesar de citar o norte do país algumas vezes, esta sempre retrata que as igrejas batistas e presbiterianas eram muito expressivas no sudeste, sendo a igreja presbiteriana a maior denominação protestante no país com relação ao número de membros, Emilie Leonard também comenta o incrível crescimento do protestantismo no Brasil, especialmente na região sudeste. Ver mais em VASCONCELOS, Micheline Reinaux de. As boas novas pela palavra impressa: Impresses e imprensa protestante no Brasil. (1837-1930). Doutorado em história. PUC-SP. São Paulo, 2010 e LEONARD, Emilie. Protestantismo Brasileiro: estudo de eclesiologia e história social. Rio de Janeiro, 1981. 354p.

¹² Jornal “Norte Evangélico” 1925

críticas negativas ao comunismo, espiritismo, comportamento social e especialmente ao protestantismo.

Dos temas mais citados pelo jornal “*A Palavra*”, o protestantismo foi assunto mais combatido nos mais de 30 anos de publicação analisada. Desde 1918, havia citações no jornal falando que “a igreja protestante é devorada dentro de si mesma [...] não possui nem vontade, nem organização, o que a torna absolutamente incapaz de toda ação importante”¹³. No ano de 1921, o padre barnabita Florencio Dubois, publicou um livro chamado “O biblismo”, que se tornou conhecido pelo país inteiro, onde este se utilizava de alguns artigos escritos no jornal “*A palavra*” e a introdução de seus conhecimentos teológicos para refutar minuciosamente o protestantismo, desde a Lutero aos dias de hoje.

A bibliolatria é o centro, o eixo da Reforma. O delírio escripturario dos luteranos hombra com o fetichismo dos muçulmanos pelo Alcorão, com o apego dos chineses pelos livros de Confucio, e com a idolatria dos Hindus pelas leis de Manú e dos Vedas. “todas as seitas” por acanhada que seja a sua esfera de vida particular e por mesquinha que seja a sua mutilação do chistianismo, asseveram ter por fonte e norma de doutrina a bíblia e só a bíblia. (DUBOIS, 1921, p.16)

Esse ataque intenso da imprensa católica a vários grupos religiosos e ideológicos não católicos, fazem parte das estratégias da igreja para seu mantimento hegemônico de poder. Principalmente no final do século XIX e início do século XX, quando a igreja deixa de ser religião oficial do estado e perde sua oficialidade judicial de principal religião brasileira. Os ataques as “seitas”, que muitas vezes eram títulos destinados a religiões não-católicas, especialmente aos protestantes, foram mais intensos.

Assim como aos protestantes históricos, também encontramos citações aos pentecostais na imprensa católica da cidade, mas raramente ocorria, há apenas uma citação de Padre Dubois falando algumas frases sobre o crescimento do pentecostalismo dizendo que

¹³ “O Protestantismo” 5\12\1918

era “uma desgraça que nem os protestantes gostavam” (A palavra 1923). De longe as menções ao movimento pentecostal se comparavam ao que era dito de outras denominações protestantes. Apesar disso, Vingren relata que:

Naquele tempo, escreviam muitos artigos contra os crentes, mas haviam também jornais que nos defendiam. As ondas de discussão iam bem altas, um dia o redator de um jornal de Belém veio a nossa igreja para pesquisar sobre o assunto. Porém, para a alegria de todos nós. O redator nos defendeu contra os que nos criticavam (Vingren, 61, p65)

Ao analisarmos o diário e outras fontes como os veículos de imprensa dirigidos por Gunnar Vingren, o termo “crentes” poderia definir tanto apenas os pentecostais como pentecostais e protestantes. Neste trecho em específico, o termo é utilizado para retratar o movimento protestante histórico. Até Vingren nesse período ressalta o forte embate entre católicos e protestantes que chegava até mesmo a grande imprensa.

Apesar de, já neste período, serem notados por jornalistas católicos e da grande imprensa, não percebemos na temporalidade analisada, estes darem grande importância ao movimento pentecostal. Muito diferente o que ocorria com as outras denominações protestantes presentes na cidade.

Notamos assim, que o protestantismo histórico não foi tão diferenciador na cidade por número de adeptos, mas por suas tentativas de notoriedade através da vida pública dos membros, as instituições formadas por eles, a admiração de certos setores da sociedade ao protestantismo norte-americano, aos contatos com pessoas importantes, e sua propagação de fé, que confrontava vertentes religiosas já consolidadas, era proclamada em templos ou ao ar livre, ou através de jornais protestantes que circulavam pela cidade. Uma das acusações dos protestantes aos católicos era que estes se apostataram da verdadeira fé cristã, justamente por terem se sincretizado com outras religiões, e algumas práticas que estes consideravam idolatras, como a devoção aos santos. O protestantismo se posicionava como uma religião

pura, que restaurava o cristianismo em seu período primitivo, antes da igreja se atrelar ao estado, e manter sua cosmovisão racional, que confrontava o catolicismo e suas práticas religiosas, principalmente na que sacerdotes e santos e as várias curas e milagres e tinham uma função intercessoria entre Deus e o fiel.

Apesar disso, os veículos de imprensa católicos davam mais atenção aos protestantes históricos do que os vários outros “inimigos” que o catolicismo elegia. Até mesmo os pentecostais, que já se mostram crescentes nesse período, ganhavam uma inexpressiva atenção nos periódicos.

“Pathologia religiosa”: Tensões de protestantes em pentecostais.

Há discussões na historiografia sobre a Assembleia de Deus ser considerada uma igreja protestante. Esta faz parte do movimento pentecostal¹⁴, que defende a experiência do “Batismo com o Espírito Santo”, esta se daria por um êxtase emocional seguido de glossolalia, o ato de falar em línguas estranhas. Um fenômeno referente ao momento de pentecostes relatado no livro de Atos dos Apóstolos. Fenômenos como “curas” também eram enfatizados por eles. Esses eram seus principais diferenciais, de resto, a própria congregação se considerava protestante, pois criam na Bíblia como verdade absoluta, Jesus Cristo como único mediador entre Deus e os homens. Mas o diferencial da “nova doutrina”, não agradou muitos protestantes, e vemos isso claramente ocorrendo em Belém do Pará.

. Os propagadores do pentecostalismo em Belém foram os suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren. Vingren foi seminarista, mas, Daniel Berg era um operário sem grandes conhecimentos teológicos. Os dois eram suecos de denominação batista, marginalizada na Suécia devido a forte

¹⁴ Utilizaremos na pesquisa a definição de protestantismo adotado por Antônio Gouveia de Mendonça em que protestantes seriam tanto aquelas igrejas originárias do tempo da reforma, como igrejas que surgiram posteriormente, mas adotaram os princípios gerais do movimento. A assembleia de Deus, apesar de suas diferenciações, nesse período, ela não racha com os princípios tradicionais da reforma como defesa da autoridade da bíblia sagrada, Jesus como o único mediador, os cinco solas. MENDONÇA, Antônio Gouveia. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. Revista da USP. SP, 2005.

atrelamento do estado com a denominação luterana. (Alencar,2013, p99), (Caldas, 2001, p360). Esses missionários vieram dos Estados Unidos depois de terem contato com o movimento pentecostal que estava efervescendo em seu início nessa nação, objetivando propagar sua fé no Brasil. Já percebemos um diferencial místico na escolha do território por Gunnar Vingren. Em uma reunião de oração, Vingren recebeu uma revelação em uma reunião de oração, em que “um outro irmão, Adolfo Undini recebeu do Espírito Santo palavras maravilhosas e vários mistérios sobre o meu futuro foram revelados, dentre outras cousas o Espírito Santo falou a esse irmão que eu deveria ir para o Pará” (Vingren, 1961, p27). Ao contrário dos missionários protestantes históricos, estes vieram para o Pará sem o apoio de uma agencia missionária, confiando apenas no poder do Espírito Santo advindo da doutrina pentecostal que haviam abraçado.

Seu foco era pregar dogmas semelhantes o protestantismo, como Jesus sendo único mediador, sua morte e ressurreição, a bíblia como verdade absoluta. Mas, a partir da própria bíblia como base, estes sempre enfatizavam a sua “nova doutrina” que incluía a praticidade de viver uma religiosidade a partir de experiências com o Espírito Santo como descritas em Atos dos Apóstolos, onde haviam curas e falar em outras línguas como evidencia do batismo com o Espírito Santo, curas, visões, revelações.

Doutrinas essa que não agradaram os batistas da congregação de Eurico Nelson, denominação que Berg e Vingren passaram a congregar. Após reuniões de oração da igreja em que estes coordenavam, uma mulher ser curada por uma doença nos lábios e algumas pessoas receberam o chamado “batismo com o Espírito Santo”¹⁵. O desagrado foi tanto que ambos os missionários foram expulsos pelas lideranças da igreja, mas levaram consigo outros 19 membros, que juntos, passaram a se reunir em moradias de estruturas precárias para proclamar sua fé. Praticando o batismo com o Espírito Santo e curas. A partir daí, a congregação passa a ser independente dos batistas, sendo nominada

¹⁵ Vingren, 61

inicialmente por “Missão de fé apostólica” e 8 anos depois, a “Assembleia de Deus”, iniciando um movimento que se tornou crescente tanto na cidade, quanto no resto do país.

Como dito antes, a historiografia nos aponta uma adesão de paraenses ao protestantismo, em projeção mais lenta se comparada a estados como Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, mas ainda assim, era uma vertente religiosa que ganhava fieis e espaço de visibilidade através da admiração de pessoas importantes do estado e da imprensa. Mas em Belém, não notamos uma difusão tão grande das três principais vertentes do protestantismo que a historiografia nos aponta em Belém (Metodistas, Batistas e Presbiterianos) como houve com o movimento pentecostal, que resultou posteriormente na igreja Assembleia de Deus. Samuel Ninstron, um dos líderes da assembleia de Deus no período diz que “Quando deixamos o Pará em 1930 havia três igrejas com locais próprios e mil membros. No interior havia 50 igrejas locais e algumas delas tinham já quase 400 membros”, em 1934 o obreiro da A.D Nels. J. Nelson registra mais de 6000 fieis e 70 igrejas espalhadas pelo Pará. Além de outras várias igrejas espalhadas pelo país (Alencar, 2007). As denominações protestantes mais significativas na cidade variavam entre 50 a 120 número de fieis. Igrejas como a Presbiteriana por exemplo, que era a maior denominação protestante do país, com grande concentração no sudeste, em Belém, passaram décadas com umas poucas dezenas de membros e até mesmo vários anos sem um pastor fixo.¹⁶

¹⁶ Segundo Hoorneart, o primeiro presbiteriano a surgir no Pará, foi Rev. Blackford em 1878. Este seguiu seu trabalho missionário distribuindo bíblias e trechos das escrituras, mas nos anos seguintes, o movimento não se consolidou e prosperou, nas primeiras décadas no século XX, o autor registra que em 1917 a igreja presbiteriana se encontrava apenas com uma sala de oração. Mas se formos olhar na ata da primeira igreja presbiteriana do Pará na câmara dos deputados, informando sobre os 100 anos da igreja na cidade, ali nos é informado que os pastores trocavam constantemente e durante 5 anos a igreja ficou sem pastor efetivo. Isso mostra que provavelmente, não houve um trabalho consistente a longo ou médio prazo dessa denominação na cidade, mas ao final notamos que a liderança que mais perdurou na igreja foi o reverendo Antônio Teixeira Gueiros. Este é citado rapidamente por Eduardo Hoorneart, segundo o autor “No Pará viria a se destacar o Rev. Teixeira Gueiros, que em virtude de sua atividade política viria a se tornar governador do estado” (Hoorneart, 1992, 329). Além de ser o líder presbiteriano que perdurou mais tempo como pastor da igreja

Mas as desavenças com os protestantes não se limitaram a sua expulsão da denominação batista. Pouco tempo depois, logo alguns anos após o início do movimento pentecostal na cidade, já percebemos periódicos batistas e presbiterianos opinando sobre “A heresia pentecostal” (1923), nomações jocosas como “espíritos de fogo” (1916), “A praga que veio do Pará” (1916) eram comuns nesses jornais. Várias matérias e até colunas eram publicadas com o objetivo de refutar as práticas e costumes do pentecostalismo. Como por exemplo, o Jornal baptista, que circulava no Brasil inteiro, e era distribuído em Belém pelo próprio Eurico Nelson, missionário da igreja Batista em que Gunnar Vingren foi expulso. Na matéria, “Pathologia Religiosa”, do “jornal Baptista” notamos a forma como o jornal os retratava.

O seu falso propheta Vingren, chegou a hospedar-se na egreja de Belém dizendo-se missionário desta denominação”[...] A conversão normal é aquella em que se combinam proporcionalmente todos os elementos espirituales da pessoa [...] A sua doutrina é a própria encarnação do phanatismo, da superstição e da bisbilhotice religiosa na sua expressão de máximo requinte. Nós o temos presenciado nas suas espeluncas sob uma atmospherá de suggestão, exitamento e ultrasentimentalismo; temos testemunhado o ridículo de suas proezas linguísticas, o indecente de seus tremeliques e grunhidos histéricos, temos ouvido por elles mesmos os seus suppostos milagres , e podemos afirmar que esse nosso acerto são verdades incontestes.¹⁷

O pentecostalismo era identificado por esses jornais como “seita”, “praga” e até “pathologia”. Nessa matéria em específico, o autor ressalta uma diferença da conversão “normal” para a “Pathologica”, onde a conversão verdadeira, deveria haver um equilíbrio entre razão, vontade e emoção. A emoção não é descartada mas o elemento racional era valorizado pelo protestantismo. A acusação do jornal diante do pentecostalismo era de ser uma religiosidade pathologica por exaltar o

presbiteriana em Belém, também se percebe que ele chegou a se destacar na política a partir da década de 40, como deputado, superintendente da polícia militar, vice governador do Pará e governador. Nesse período este continuou exercendo o papel de pastor presbiteriano. Este foi o principal disseminador do jornal “O Norte Evangélico” presente na cidade.

¹⁷ “Pathologia Religiosa” Jornal baptista, 1922.

sentimentalismo e misticismo em detrimento da razão, O que justificava a rejeição as suas expressões religiosas.

No jornal presbiteriano “Norte Evangélico”, um jornal feito especificamente para a igreja presbiteriana do norte e nordeste do país, havia uma coluna quinzenal chamada “heresia pentecostal”, em que diversos dogmas do pentecostalismo eram refutados pelo jornal. Em uma de suas colunas, este fala especificamente dos “milagres” sendo este “um assumpto muito decantado pelos pentecostaes”, em outra coluna, o autor destrincha melhor o assunto

“ os pentecostaes se propalam como os obradores de milagres, curas maravilhosas – etc. Creio em parte nos milagres pentecostaes, não como elles querem impingir, mas como sendo manifestações diabólicas, suggestões demoníacas e nada mais”¹⁸

Os elementos sentimentais e místicos eram alguns dos argumentos de refutação de protestantes contra os católicos, e agora os mesmos usam esses para refutar o pentecostalismo, os classificando também como “Heréticos” e até demoníacos. Pois o protestantismo que veio ao Pará manteve sua característica histórica e ser uma religião intelectual, racional e letrada¹⁹. Uma rejeição que se dá por “ traços de (sic) tradições protestantes controlam e inibem manifestações que a teologia da Reforma proíbe” (Mendonça, 1990) Aquelas manifestações que não se adequam a essa teologia são rejeitadas e até demonizadas pelos protestantes.

Com seu racionalismo, sua consolidada teologia e ortodoxia, o protestante não conseguiu comunicar sua crença ao religioso popular paraense, pois “O protestante mais estuda do que crê, está mais para verdades do que para crenças”. (Mendonça, 1990, p246). Em uma cidade onde 64,9% da população era constituída de analfabetos”(Goudinho, 2015, p63), era difícil para o paraense assimilar a fé

¹⁸ “A heresia pentecostal” Jornal Norte Evangélico, 02\1923

¹⁹ Precisamos ressaltar aqui que, o Próprio Emílio Leonard, que faz essa análise do protestantismo, revela que entre as igrejas protestantes houve vários movimentos internos que caracterizavam uma ênfase em uma experiência Mística com o Espírito Santo, destaco aqui o movimento Pietista do Século XVII, em que se enfatizava uma vida piedosa, momentos longos de oração e experiências com o Espírito Santo, desde movimento, surgiram muitas denominações, incluindo a igreja Metodista.

protestante que consistia de leitura bíblica, somada a livros, periódicos e folhetos de Lutero, Calvino e teólogos do protestantismo de seu tempo.

Havia uma outra forma de conhecimento e assimilação da fé pentecostal que ia além da Bíblia, mas através de manifestações sobrenaturais, dentre elas, falar em outras línguas, fazendo com que pessoas analfabetas assimilassem e aderissem ao pentecostalismo. Os pentecostais trouxeram ao protestantismo um elemento místico que muito se assemelhava ao catolicismo mágico e sincrético da região, um elemento religioso muito mais palpável ao povo. A própria fé experiencialista era suficiente para a adesão do fiel ao pentecostalismo, sem que necessariamente a pessoa estivesse uma prática de leitura bíblica.

A briga entre católicos e protestantes que ocorriam nos jornais era em caráter, na maioria das vezes, polemista e apologeta, envolvendo questões dogmáticas e políticas das quais, os pentecostais inicialmente não se preocuparam em se posicionar. Com seu racionalismo, sua consolidada teologia e ortodoxia, o protestante não conseguiu comunicar sua crença ao religioso popular paraense, acostumado com uma religiosidade oral e baseada na experiência, através de milagres, curas e contos da fé católica.

Considerações finais.

Desde seu início, o movimento pentecostal surgiu por populares, marginalizados, um segmento social que, muitas vezes na história, manifesta a sua fé se forma mágica e mística. Belém do Pará era uma cidade fervorosa em sua religiosidade, especialmente por seu catolicismo, rezas muitas vezes sincretizados com banho de ervas, devotado aos santos e com fervorosa adoração a Nossa Senhora de Nazaré. O pentecostalismo, ao chegar na cidade, atraiu pessoas por sua religiosidade mística, mágica, suas curas, seus extases emocionais, mas, atuando ainda com mais força, por quebrar uma graça institucional vinda de um clero para trabalhar um sacerdócio universal advindo do

protestantismo, dando ao leigo sua participação em um caráter institucional.

O movimento pentecostal no país, é uma das mais diversas manifestações de fé que fizeram parte do cenário religioso brasileiro, a partir da separação oficial entre igreja e estado. O estranhamento dos protestantes devido essa nova fé que despontava, se dá por esta incorporar elementos místicos dos quais o protestantismo havia renegado por associar ao catolicismo. O misticismo atrelado a fé escriturística, fez com que o movimento pentecostal absolvesse membros da igreja protestante, e um campo do catolicismo onde o protestante pouco tinha influencia, o católico leigo, popular.

Essa reação do protestantismo diante do pentecostalismo mostra mais um estranhamento com relação as práticas religiosas místicas do pentecostalismo diante da fé racional protestante. Mostrando um processo que se desenrola até os dias de hoje, com um pentecostalismo diverso e pulverizado, atuando fortemente nas periferias do país, que conseguiu dialogar melhor com a religiosidade mística católica brasileira, do que todo o racionalismo letrado protestante.

Referencias bibliográficas:

ALENCAR, Gideon Freire de. *Assembleias de Deus, Origem, organização e militância*. (1911-1946). (2010)

_____. *Matriz pentecostal brasileira*. Assembleias de Deus 1911-2011. Novos diálogos. Rio de Janeiro, 2013.

CALDAS, Carlos. *As ondas missionárias estrangeiras no Brasil*, 2001 in *Perspectivas no movimento cristão mundial*. WINTER Ralph, and BRADFORD, d. Kelvin.

HOOTNAERT, Eduardo. *História da igreja na Amazônia*. Editora Vozes, Petropolis, Rio de Janeiro. 1990.

HURLBUT, Jesse Lyman. *História da igreja cristã*. São Paulo: Editora Vida, 2007.

MENDONÇA, Antônio Gouveia. *O celeste Porvir, a invenção do protestantismo no Brasil*. São Paulo, Editora IMS, 1995.

_____. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. In *Protestantismo no Brasil: Marginalização social e misticismo pentecostal*. São Paulo, ed Loyola, 1990.

GONZALES, Justo L. *Uma história do pensamento cristão. Da reforma protestante ao Século 20*. V3. São Paulo. Cultura cristã, 2004.

GOUDINHO, Liliane do Socorro Cavalcante. “*A palavra que vivifica e salva contra o mal da palavra que mata. Imprensa católica em Belém*”. Tese de doutorado, PUC-SP. São Paulo. 2014

GUEIROS, David Vieira. *O protestantismo, A maçonaria e a questão religiosa no Brasil*.

Universidade de Brasília, Brasilia-DF, 1980.

LEONARD, Emilie. *Protestantismo Brasileiro: estudo de eclesiologia e história social*. Rio de Janeiro, 1981. 354p.

PORTELLI, Hugues. *Gramsci e a questão religiosa*. Edições Paulinas, 1984.

PEREIRA, José dos Reis. *O Apostolo da Amazônia*. Rio de Janeiro-1945.

VASCONCELOS, Micheline Reinaux de. *As boas novas pela palavra impressa: Impresses e imprensa protestante no Brasil. (1837-1930)*. Doutorado em história. PUC-SP. São Paulo, 2010.

Fontes:

Livros:

“O Bíblismo” 1921. Pe. Florencio Dubois.

“O Diário do Pioneiro” 1961. Ivan Vingren

Periódicos

“A Palavra” (1916-1945)

“O apologista Chistão” (1890-1925)

“O jornal Baptista” (1901-Atualmente)

“Norte Evangelico” (1911-1950 Aproximadamente)